



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANais



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIARÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIA DO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTAGROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/ NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria GERALDA DE ALMEIDA: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **carla beatriz santos menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMÔNIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): **Janaína Mourão Freire**).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)

RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Rizzo**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideo - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMÓRIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA (autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): **Sandra Rangel de Souza**)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA: CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS

Camila Olivia de Melo¹

Regiane Ribeiro²

Gustavo Luiz Ferreira Santos³

RESUMO

O artigo propõe uma discussão teórica a respeito da relação entre diversidade cultural, comunicação e educação. Sabe-se que, por mais multicultural e diversificado que os ambientes educacionais se proponham a ser, há ainda sujeitos que permanecem à margem das normatizações. Assim pensar os espaços educativos através de conceitos como diferença, conflito e tensão são alternativas possíveis para enriquecimento do debate e promoção de uma educação libertadora. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com ênfase nos estudos culturais de Stuart Hall, nos textos de Edgar Morin e na Teoria Queer como proposta de intervenção a partir do desconforto às questões já cristalizadas/naturalizadas das ciências sociais/humanas. Por fim, conclui-se que uma ação docente multiculturalmente orientada para a diversidade é uma importante saída para que os espaços educativos promovam uma melhor compreensão das conexões culturais, das sexualidades, das relações de poder e da riqueza presente nos ambientes educativos latino-americanos.

Palavra chave: diversidade cultural, educação, conflito/*queer*, normatização social e comunicação.

¹ Especialista em Comunicação, política e imagem pela UFPR, mestranda do setor de Pós-graduação em Comunicação da UFPR, na linha de pesquisa Comunicação Educação e Formações sócio culturais, pesquisa atualmente Sexualidades, Teoria *Queer* a partir de autores da América Latina. E-mail: camilamelojornalista@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora e pesquisadora permanente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Paraná – UFPR na linha de pesquisa Comunicação, Educação e Formações Socioculturais, docente do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná. E-mail: regianeribeiro5@gmail.com

³ Mestrando do setor de Pós-graduação em Comunicação da UFPR, na linha de pesquisa Comunicação Educação e Formações sócio culturais, pesquisa atualmente Identidades, Consumo Cultural e Colaboração mediada pela Internet. E-mail: guzferreira@gmail.com



1. ESTUDOS CULTURAIS E DIVERSIDADE

O diálogo entre comunicação, educação, e cultura nos remete aos Estudos Culturais e sua importante repercussão nas pesquisas dessas interfaces, principalmente nos textos de Stuart Hall. Nesse terreno é possível traçar um paralelo com os embates e principais conflitos que a multiculturalidade latino-americana tem tensionado no ambiente educacional para, a partir disso relacioná-la com possíveis ramificações, como é o caso da Teoria Queer.

Os debates relacionados aos Estudos Culturais e sua maior força criativa iniciaram-se na década de 70 na Inglaterra, em um momento histórico de transformações sociais, reivindicações, resistência das subculturas, manifestações políticas, e vozes silenciadas clamando por visibilidade. As chamadas “minorias” organizavam-se e assim teciam o pano de fundo conturbado dos anos época quando uma “nova esquerda” se proliferava. Diante desse breve contexto, podemos pontuar os pensadores que oxigenaram as ideias do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) em Birmingham, como Richard Hoggart (1957), Raymond Williams (1958) e E. P. Thompson (1963)⁴, representando o movimento intelectual de forte impacto teórico de esquerda que transbordou os muros acadêmicos onde a militância por seus objetivos era radical, no sentido de mudanças políticas urgentes. O esforço teórico de tais autores além de introduzir novas questões, também impulsionou a uma visão crítica pós-marxista, pois, colocou em questão outros sujeitos, pensando-os como ativos e de resistência, alternativas práticas políticas e principalmente, repensando o conceito de cultura.

A trajetória dos Estudos Culturais, não termina nos anos 70's, pelo contrário. Ao entrar da década de 80 e 90 as pesquisas do centro alcançam nível internacional, dialogando com outras perspectivas e como Escosteguy (2006) chama atenção, foi nesse momento - considerado um período de “despolitização” - em que houve uma “fragmentação e trivialização” dos estudos da área. Entretanto, por mais que os Estudos Culturais tenham mudado a sua base estruturante, as temáticas se ramificam, sendo possível pensar nos deslocamentos⁵ de conceitos, questões, metodologias e

⁴ Sobre os textos base seguem respectivamente, *The uses of literacy* (1957), *Culture and society* (1958) e *The Making of the english working-class* (1963).

⁵ Ao utilizar o termo “deslocamento”, nos referimos ao que para Stuart Hall (2009) aponta: tomar outro caminho, direcionar o olhar de maneira diferente, desenvolver outros métodos que explorem o plural, as diferenças e as exclusões.



sujeitos/agentes. Essa “nova etapa” abre caminhos para outros olhares no campo fértil das relações culturais/identitárias.

Ao afirmar que os Estudos Culturais tem por característica tal “deslocamento” compreendemos que há nitidamente rupturas e redescobertas teóricas. Essas descobertas resgatam pesquisas europeias, principalmente a etnometodologia e interacionismo simbólico construindo qualitativamente sua metodologia a partir da observação do cotidiano e das relações entre os agentes sociais, etnograficamente.

Nesse conceito de “deslocamento” é que o artigo proposto pretende abordar a cultura na “extensão do seu significado”. Assim o conceito se desloca na perspectiva de pensar em uma cultura que deixa de ser elitista para interagir com as práticas cotidianas, entendendo que a sua produção de sentidos estaria vinculada ao exercício, ao modo fazer cultura por diversos agentes sociais, principalmente aqueles deixados a margem dela.

E com isso, por mais que haja uma vontade teórica em encaixar os Estudos Culturais em uma escola, ou em um modelo teórico que tranquilize a turbulenta procura por verdades, os Estudos Culturais não podem ser reduzidos a discursos lineares e universalistas, pois, criaram ao longo de seu caminho produções, histórias, discursos distintos e múltiplos. Isso se comprova na perspectiva adotada por Stuart Hall na Universidade de Birmingham-Inglaterra, onde se evidenciam os discursos de produções acadêmicas abertas e plurais. O ingresso de Stuart Hall nas pesquisas do CCCS ocorre ao substituir Richard Hoggart, no final da década de 60's e permanece por dez anos, esse projeto lhe deu visibilidade internacional. Durante esse período o autor resgatou, fazendo uso de seu espaço de destaque nos Estudos Culturais, os “estudos etnográficos, as análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de subculturas” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 141).

Dessa forma, segue-se pensando os Estudos Culturais como o autor denomina: um projeto de objetivos marcados, porém, não fixos. Incentiva-se ainda a pensar as questões contemporâneas de uma maneira dialógica em que os aspectos culturais estejam sempre interligados a sua prática, que haja uma reflexividade teórica, e, principalmente que esse conjunto de saberes tornem-se cada vez menos a procura por verdade e cada vez mais o acúmulo construtivo de conhecimento.



A constante movimentação intelectual e prática que os Estudos Culturais incentivam e a sua característica teórica/prática têm provocado desde a década de 70's desconfortos, inquietações, pois buscam em seu trabalho as questões mais silenciadas, como a do feminismo. Pensando a partir do momento histórico que os teóricos do CCCS se localizavam na Inglaterra é possível contextualizar o silêncio social/acadêmico às questões feministas. Nesse sentido, quando mergulhamos na descrição viva de Stuart Hall (2009) a respeito da intervenção que o feminismo provoca, no ambiente criativo das pesquisas do centro, é possível visualizar a entrada da principal/necessária mudança de olhar; a do “pessoal é político”. Segundo ele:

“A intervenção do feminismo foi específica e decisiva para os estudos culturais (bem como para muitos outros projetos teóricos). Introduziu uma ruptura. Reorganizou o campo de maneiras bastante concretas. Primeiro, a proposição da questão do pessoal como político – e suas consequências para a mudança de objeto de estudo nos estudos culturais – foi completamente revolucionário em termos teóricos e práticos.” (HALL, 2009, p. 196)

O caminho teórico dos estudos culturais, como apresenta Hall (2009) parece seguir um traço em ondas, pois além de compreender a subjetividade de seus objetos/sujeitos, também interligam-se a trabalhos desenvolvidos na linguística, aproximando-se das questões sobre a discursividade e a textualidade. Nesse sentido podemos visualizar o reconhecimento teórico nas questões desenvolvidas pelo centro, principalmente em relação à cultura, pois como Hall (2009, p. 199) chama atenção seria, “através das metáforas da linguagem e da textualidade, [a importância teórica] representa um ponto para além do qual os estudos culturais têm agora que necessariamente se localizar.”

Assim, nesse campo de estudos entrelaçado às práticas culturais, a contribuição da linguística é nitidamente fundamental para a problematização da cultura, pois os efeitos das relações culturais não se esgotam e muito menos possuem uma verdade como resposta e, por isso compreende-se o campo de pesquisa dos estudos culturais como uma “área de deslocamento”. Um campo em que as tensões não se esgotam, pelo contrário, são provocadas constantemente, há um deslocar-se para fora do texto, uma elasticidade teórica e conseqüentemente, aos pesquisadores/as da área requer-se, uma incessante disposição ao conflito.

Abre suas portas a uma teoria que visibiliza e recoloca em questões outros olhares, compreende como objeto de estudo outros agentes sociais, quebra o silêncio colocando





em debate exatamente os desconfortos herdados por uma tradição sociológica de buscas às “verdades” e “respostas” provocadas por problemas de pesquisa. Os estudos culturais britânicos quebram as janelas fechadas com suas produções por vezes “estonteantes”, pois, permite que o ambiente cultural seja tensionado e assim de maneira dialógica ir construindo o conhecimento, agindo socialmente, intervindo como ação teórica a praticar suas pesquisas, saindo do ambiente fechado dos centros de pesquisa e extrapolando os limites a fim de chegar ao campo social/cultural/comunicacional. E assim, movimentar as práticas, segue Hall (2009, p. 200):

“penso que qualquer pessoa que se envolva seriamente nos estudos culturais como prática intelectual deve sentir, na pele, sua transitoriedade, sua insubstancialidade, o pouco que consegue registrar, o pouco que alcançamos mudar ou incentivar à ação. Se você não sente isso como uma tensão no trabalho que produz é porque a teoria o deixou em paz.”

1.2 CULTURA LATINO AMERICANA

A perspectiva dos estudos culturais britânicos, no entanto devem convergir com um conceito adequado⁶ de cultura. Sabe-se que a cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos que se transmitem de geração em geração, reproduzem-se em cada indivíduo, controlam a existência da sociedade e mantêm a complexidade psicológica e social. De acordo com Morin (2000, pg. 56), *“não há sociedade humana arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.”*

Ainda segundo Morin (2005), uma cultura abre e fecha as potencialidades bioantropológicas de conhecimento. Ela as abre e atualiza fornecendo aos indivíduos o seu saber acumulado, a sua linguagem, os seus paradigmas, a sua lógica, os seus esquemas, os seus métodos de aprendizagem, de investigação, de verificação, etc., mas,

⁶ Pensa-se “adequado “ como um adequar-se as realidades latino-americanas, busca-se um conceito que dialogue com a multiculturalidade.



ao mesmo tempo, ela as fecha e inibe com suas normas, regras, proibições, tabus, seu etnocentrismo, a sua auto-cristalização e a sua ignorância. Principalmente quando problematizada apenas pela ótica elitista/alta de cultura, como Hall (2009) acrescenta, seria exatamente esse deslocamento, da alta para as “subculturas”, que o conceito possibilitaria o conhecimento através dele e mais, a sua prática cotidiana como fonte de resistência.

Neste sentido, a cultura instituiria as regras/normas que organizam a sociedade e governariam os comportamentos individuais em todas as instâncias, inclusive na escola. As regras/normas culturais geram processos sociais e regeneram a complexidade social adquirida por essa mesma cultura.

No entanto, ao se considerar que o conhecimento é produzido por uma cultura, depende de uma cultura e está integrado a uma cultura pode-se ter a impressão de que nada seria capaz de libertá-lo. Mas não se deve esquecer que no interior de todas as culturas existem seres individuais que não obedecem à mesma ordem social e às injunções culturais e que, por isso, pode-se promover essa libertação.

Na América Latina e particularmente no Brasil, a questão cultural apresenta uma configuração própria. Trata-se de um espaço construído com uma base multicultural muito forte, onde as relações inter-étnicas têm sido uma constante através de toda sua história. Sua formação histórica está marcada pela eliminação física do "outro" ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do "outro" também se dão no plano das representações e no imaginário social. O debate multicultural na América Latina coloca-se diante desses sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmando suas identidades⁷ fortemente na sociedade, mas numa situação de relações de poder assimétricas, de subordinação e acentuada exclusão.

A partir desse cenário, é possível pensar que esse sujeito “subordinado” que está a margem de qualquer representação ou imaginário social, simplesmente não se

⁷ Nos referimos aos grupos que durante os anos 60 – reivindicavam o fortalecimento das identidades portanto pode-se falar da *política de identidade*. A esse momento histórico Stuart Hall (2006) dedica sua atenção sendo possível a partir dele entender que tais grupos eram representados pelos “novos movimentos sociais”: feministas, contraculturais, pela paz, diretos civis, ideologia punk (entra aqui os movimentos revolucionários). A política de identidade ainda é forte entre os movimentos de visibilidade, entretanto, aqueles sujeitos a margem das identidades visibilizadas continuam em uma rede de exclusão e violência.



enquadra no modelo normativo de classificações sociais de sexo e gênero⁸. Isso nos leva a pensar que a saída para tal problemática esteja na desestabilização das bases sociais fixas que tendem a reproduzir apenas uma ótica dominante que desvaloriza a multiculturalidade⁹ reproduzindo um processo educacional onde os sujeitos são classificados como “normalizados ou marginalizados” (LOURO, 2010).

2. QUE SUJEITO É ESSE?

Antes mesmo de apontar os conflitos entre os sujeitos à margem¹⁰, seria necessário pensar em qual momento tais sujeitos emergem e mais, seria pertinente pensar exatamente sobre seus deslocamentos. Hall (2006) faz um aparato histórico dos sujeitos ao longo da modernidade e a chegada da “segunda metade do século XX (a chamada modernidade tardia)” aparece como um marco histórico do sujeito. Assim, nos auxilia a compreender as “rupturas” do conhecimento e como as identidades se readaptam e transformam as características sociais.

Com a entrada da modernidade, as teorias sociais ainda herdavam uma concepção de “sujeito cartesiano”, um sujeito racional e individualista baseado em separações binárias. Nesse sentido, Hall (2006), identifica nas “novas ciências sociais”, alternativas às concepções desse indivíduo, pois, começa-se a introduzir a questão da subjetividade no desenvolvimento das relações sociais e também a de um sujeito agente. Assim, percebe-se uma ruptura do sujeito cartesiano, um “descentramento” do homem como um todo. Para compreender melhor que sujeito é esse, se faz necessário seguir os passos de Hall (2006) em uma linha do tempo que começa pelas interpretações das releituras críticas de Karl Marx.

⁸ Entendemos que as classificações sociais não se limitam a apenas sexo e gênero porém, por limite de espaço não será possível estender o tema. O que nos interessa primordialmente é problematizar sexo e gênero como categorias ligadas apenas ao biológico, pois, com tal ideia simplificadora acaba-se caindo na armadilha binária feminino/masculino.

⁹ Utilizamos esse conceito a partir de Hall (2009).

¹⁰ Pensamos aqui nos perigos em denominar grupos “a margem” pois, pressupõem-se que existam os “grupos ao centro”. Nesse sentido demarcamos o centro como o hegemônico, o vigente, o aceitável dentro do sistema normativo.



Com o legado do pensador, houve uma naturalização de um sujeito impossibilitado de agir socialmente, inativo ou até sem “qualquer noção de agência individual”. Concepção fortemente rebatida por teóricos do interacionismo simbólico, historicistas, humanistas e com isso, pensa-se o sujeito como agente social, rompendo o universalismo dos indivíduos, não haveria mais como ignorar as individualidades, subjetividades e identidades. Outro importante teórico que marcou os agentes sociais do século XX foi Freud, a partir de sua pesquisa centrada no “inconsciente” trouxe novas características ao que se entendia por sujeito, a ideia de uma identidade fixa e racional não mais cabia aos processos simbólicos da teoria freudiana. Hall (2006) traz ainda o debate gerado por Lacan que pensa a identidade como identificação em uma construção contínua não mais “inata”. Críticas foram sendo construídas a essas questões, porém, Hall (2006) afirma que por mais inconsistente que poderia ser a teoria Freudiana, sua contribuição ao constituinte dos agentes sociais é de extrema relevância.

O mapa das “mudanças conceituais” de sujeito apresentada por Hall (2006), delimita ainda as contribuições da filosofia moderna, principalmente a de Jacques Derrida, em que defende os significados, seja textual, verbal, ou corporal como não findados em qualquer forma de linguagem, inclusive a identidade. É a partir das pesquisas de Derrida que a filosofia contemporânea tem retirado fôlego para produzir tanto os textos da pragmática como da Teoria Queer.¹¹ Ainda entre os filósofos, Michel Foucault e sua larga pesquisa ao redor dos mecanismos de poder traça outras linhas às características do sujeito “moderno”, faz refletir quanto à crescente organização e ligação entre as instituições, enquanto se multiplica o isolamento e individualização dos agentes sociais suscetíveis à “vigilância” dos corpos.¹²

Por fim, a rápida contextualização do “descentramento” dos sujeitos na contemporaneidade nos leva ao interesse desse artigo, o impacto das questões feministas na formulação dos atores/atrizes sociais. Assim, Hall (2006) acrescenta:

“[o feminismo] enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homem/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da *posição* social das mulheres

¹¹ Tema a ser discorrido mais a frente.

¹² De grande importância é a trajetória de Foucault e a dimensão de sua produção ao debate das ciências sociais/humanas na contemporaneidade ultrapassa o limite do proposto artigo.



expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.”
(HALL, 2006, p. 43)

Colocar em questão os diferentes percursos dos agentes na contemporaneidade parece ser cada vez mais difícil, pois a pluralidade das identidades – como tão forte o feminismo pautou – dos referenciais culturais, das experiências práticas, dos diferentes ambientes multiculturais/comunicacionais/educacionais aglutinam transformações. Por isso, as bases fixas de entendimento, do que se constitui a sociedade, não mais suporta o ignorar das resistências, das subculturas, dos anormais, ou todo o que de fora se localiza do centro cartesiano elitista de cultura.

Sendo assim, por mais que haja esforços em conhecer os agentes sociais, como Louro (2001; 2004; 2007) afirma, parece haver sempre um escape, um desviante, um sujeito que foge às regras, mesmo quando não se pretende reger e assim a autora sugere abandonar o “sujeito unificado”, e direcionar o olhar aos agentes *queer*, que desestabilizam as certezas e incitam novas percepções. É dentro desse campo de embates, conflitos e “perversões” que o *queer* abre caminhos de fala e encontra espaço acadêmico para colocar suas questões.

3. REPENSANDO AS DICOTOMIAS

Segundo Pinheiro (1995), os signos na América Latina apresentam uma mobilidade muito grande, o que não significa que seja diferente em outros lugares do mundo, mas aqui essa mobilidade chega a ser desmesurada. Isso se deve à mestiçagem e ao choque dos processos civilizatórios que fazem os signos apresentarem tal característica. Dessa forma, parece ficar mais clara a ideia do autor quando afirma que se pensa de modo diferente nesse continente e não se poderia comportar de outro modo enquanto descendentes de uma atitude epistemológica diferente, pois a mente trabalha os signos, mais através da fricção de superabundâncias alógenas (daquilo que alegoricamente diz ao outro) do que pelos mecanismos binários de inclusão e exclusão.



Percebe-se, portanto, que em outros países e continentes o ensinar e o aprender apóiam-se numa polarização mais desmesurada e excludente. Esses processos baseiam-se em conceitos opostos, sobre esse modo ver Morin (2001) escreve que, no reino cosmo-físico ou astro-físico ou quimico-físico, as dicotomias são uma mentira. Por isso, a ciência clássica terminou reconstruindo, nesse mesmo âmbito, as dicotomias que existem no mundo ideológico. Kramaer (1988) refere-se à dicotomia afirmando que ela “deixa de construir o que Bakhtin chama de território social comum dos interlocutores, esteja o diálogo se dando entre crianças, crianças e adultos ou com livros e demais produções escritas”. Outro autor que dialoga nesse sentido é Baggio (2001, p.26):

“Características do pensamento tradicional, com forte influencia do pensamento grego que foi mantido no decorrer da história e que ainda se faz presente na sociedade contemporânea, é a criação de linguagem dicotômica pela qual o humano é percebido, tratado, educado. Esse paradigma antropológico opõe natureza à cultura, fragmenta o humano em razão-emoção, sujeito-objeto, academicismo-objetividade, corpo-alma, matéria-espírito, masculino-feminino, hemisférios cerebrais direito-esquerdo e o conhecimento a partir de identidade e da não identidade.”

E, ainda, o mesmo autor (op.cit., p.4), aponta implicações para quem não consegue ver além da dicotomia:

“O nefasto desse tipo de compreensão está na distinção, por vezes oposição, lançada sob aspectos indissociáveis, assim como a limitação, que toda a polarização traz, por ignorar tantos outros elementos intermediários ou distintos que compõem a vida.”

Também a vida diária, consequentemente, é contaminada pela lógica binária criando problemas de oposição tais como: pai/filho, homem/mulher, criança/adulto, etc. Toda essa série de dicotomias está relacionada à linearidade verbal (início, meio e fim). A linearidade deu cunho físico concreto sob a forma de dígitos àquilo que o mundo do conhecimento já organizava de modo abstrato, ou seja, dígitos sequenciais que devem ser lidos um após o outro, obrigatoriamente, o que solidifica essa noção. Cada membro, após ser lido é, simplesmente, abandonado em função do subsequente.

Nesta mesma linha de raciocínio, Canclini (2000) defende que o afastamento dos eixos tradicionais da identidade num cenário de crescimento e produção global da cultura não pode ser considerado como situação desagradável ou temível, porque:

“vivimos en un tiempo de fracturas y heterogeneidad, de segmentaciones dentro de cada nación y comunicaciones fluidas con órdenes





transnacionales de información, de estilo y conocimiento. En medio de esta heterogeneidad encontramos códigos que nos unifican, o por lo menos nos permiten comprendernos a nosotros mismos, esos códigos son cada vez menos cuestiones de etnia, clase o nación de nacimiento”.(CANCINI, 2000, p.87)

Canclini (2000) explica tal situação, citando o fenômeno identitário colocado pela cultura chicana, que se projeta como uma cultura de fronteira, impressada entre as culturas anglo-americana e mexicana. A ideia de hibridização cultural está colocada já na transposição das fronteiras e é percebida pelo processo bicultural e transcultural, além do bilinguismo e do biconceitualismo que caracterizam a expressão dessa cultura. Isso proporciona a impregnação de uma ideia de síntese e fragmentação simultâneas nas quais a cultura desterritorializada buscará seu não-lugar, ocupando de maneira incisiva um novo lugar de expressão, lugar este configurado por uma identidade sempre em trânsito.

A fronteira assume, desta forma, um sentido de encontro de realidades. Essa ideia é interessante a partir de um ponto de vista histórico que resgata uma cultura que traz em si a marca de uma relação desigual em que a violência é exercida no confronto com o outro. Portanto, a cultura chicana absorve os códigos culturais das minorias excluídas do exercício do poder. Esses são fortalecidos nas discussões raciais, étnicas, de gênero, no meio ambiente, nas concepções religiosas, na sexualidade, na política do corpo, na língua, etc. Os pontos de discussão entre fronteira, gênero e classe são problematizados simultaneamente, provocando o questionamento em torno da experimentação de identidades alternativas.

“También sugieren que, cuando no hay manera de regresar “a casa”, los espacios para la exploración y la articulación de identidades híbridas deben construirse, junto con los diálogos en conflicto que raza, clase y género producen dentro de los sistemas de significación y estructuras de poder representados dentro de estos espacios.” (TORRES, 2000: 17).

Assim, a violência forja definitivamente a memória cultural da experiência chicana. O conceito de fronteira carrega, então, o sinal de morte e de vida, a possibilidade de fim e a esperança de um reinício, traduzindo os paradoxos e contradições que estão presentes no interior da cultura fronteira.

Canclini (2000) concorda com o fato de que deve ser relativizada a noção de identidade. Afirmar os processos de hibridação é esvaziar a ideia de identidade



“autêntica”, tal como a concebe uma forte tendência da Antropologia assim como alguns enfoques de pesquisadores implicados com os estudos culturais. Desta forma, o autor propõe um deslocamento do objeto de estudo: da identidade para a heterogeneidade e hibridização interculturais.

Tais processos articulam-se com as questões relacionadas à industrialização e à massificação globalizadas dos processos de significação, que se colocam em redes transcomunicacionais desterritorializadas que abrangem as discussões referentes à mestiçagem, criolização, sincretismo, transculturação e todas as contradições que esses conceitos apresentam. As grandes cidades, palcos dos processos mais interessantes de hibridização, apresentam “fronteiras porosas”, permeáveis às redes transcomunicacionais, viabilizadoras dos processos que impulsionam as culturas híbridas que então liberariam as análises culturais de seus processos de fundamentalismos identitários. (CANCLINI, 2000).

Essas questões vêm adquirindo cada vez maior abrangência, visibilidade e conflitividade no âmbito internacional e local. Isso preocupa muitas sociedades. Não se trata de maximizar a dimensão cultural e desvinculá-la das questões de caráter estrutural e da problemática da desigualdade e da exclusão crescentes no mundo atual, nem de considerá-la um mero subproduto dessa realidade. O importante é, tendo presente a configuração político-social e ideológica do momento, não negar a especificidade da problemática cultural, nem considerá-la de modo isolado e autocentrado.

4. A TEORIA QUEER COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Propor uma alternativa para os conflitos educacionais latino americanos parece de extrema urgência e deve levar em conta uma ação comunicativa que privilegie os elementos culturais e a diversidade, pois assim parece ser possível fornecer a cada indivíduo os princípios, regras/resistências e experiências para construção do conhecimento. Assim, de todas as partes, a cultura age e retroage para modelar as estruturas sociais sendo, portanto, sempre ativa como coprodutora de conhecimento. Entretanto, os principais conflitos nos ambientes educacionais estão ligados ao, já citado,



modelo usual cartesiano de sociedade/cultura que pretende ser excludente dentro de seu processo.

Esses processos baseiam-se em conceitos opostos como, por exemplo, conhecer/ignorar, inteligente/incapaz, modelo/imitação, masculino/feminino, razão/emoção. Esse sistema binário mantido por inclusões e exclusões é uma herança ocidentalizante da Filosofia tradicional que reforça o pensamento dicotômico e pertence ao que se chama, tradicionalmente, de lógica binária. Entende-se que a dicotomia é um dos paradigmas que apresentam uma valoração simplificadora que exclui o raciocínio e produz uma reação de conforto rápido e cômodo em um mundo de complexidade crescente.

Determinar um aprendizado como certo ou errado parece funcionar como barreira para a dúvida e para a necessidade de pensar pois, como afirma Louro (1997), se há uma disposição para implodir tais binarismos no ambiente educacional “teremos de ser capazes de um olhar mais aberto(...)uma problematização que terá que lidar, necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça e etnia” (LOURO, 2010, p. 68).

Assim, podemos compreender os ambientes educacionais como um espaço que sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença, tendo optado por silenciá-las e neutralizá-las por sentir-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas, principalmente no cenário latino americano, constitui o grande desafio que esses ambientes estão sendo chamados a enfrentar.

É sabido que apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do País consigo mesmo, é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais quanto em relação a grupos étnicos, sociais e culturais.

Historicamente, registra-se a dificuldade para lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O País evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por "mitos" que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta "democracia racial". (Parâmetros Curriculares Nacionais, vol. 10, p. 22).



Por outro lado, sabe-se que o atual contexto internacional, marcado por uma globalização excludente, políticas neoliberais e uma emergente doutrina de segurança global está reforçando fenômenos socioculturais de verdadeiro *apartheid*, que assumem diferentes formas e manifestações. No entanto, essa não é uma realidade que afeta igualmente a todos os grupos sociais, culturais, nem a todas as pessoas. Ela atinge apenas os "diferentes" devido a características sociais e/ou étnicas, os "portadores de necessidades especiais", por não se adequarem a uma sociedade cada vez mais marcada pela competitividade e pela lógica do mercado e do consumo, os "perdedores", os "descartáveis", "anormais".

Justifica-se, portanto, a importância das relações entre os ambientes educacionais e cultura no processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. A reflexão sobre essa temática é co-extensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica em que a referência cultural não esteja presente.

Privilegiar um processo educativo que leve em consideração a cultura do ambiente brasileiro (alimentação, corpo, oralidade, paisagem, humor, lúdico, erotismo, ritmo, mistura de idiomas, etc.) é uma das alternativas para se desenvolver uma educação que favoreça a aprendizagem e o ensino de habilidades e competências múltiplas. Isso corrobora a afirmação de MORIN¹³ (2001, p.33), segundo a qual acredita que uma saída para uma educação mais satisfatória seria a priorização de três elementos fundamentais:

- a existência de vida cultural e intelectual dialógica;
- o "calor" cultural;
- e a possibilidade de expressão de desvios.

O primeiro elemento diz respeito à pluralidade e diversidade de pontos de vista. A dialógica cultural supõe o comércio cultural, constituído de trocas múltiplas de informações, ideias, opiniões, teorias que têm mais chances de ocorrer numa sociedade

¹³ Edgar Morin mesmo não sendo um pensador latino americano contribui fortemente, através de seu trabalho teórico que é concentrado em contextos múltiplos e realidades "complexas", a enxergar a cultura como múltipla e ao mesmo tempo singular indo de encontro à realidade cultural latino americana.



policultural, como a brasileira. O encontro de ideias antagônicas cria uma zona de turbulência que abre uma brecha no determinismo cultural e é função do sistema escolar proporcionar essa dialógica.

O segundo é termo utilizado por Morin (2001) para definir o confronto de ideias, opiniões e trocas de informações. Considerando que seu contrário provoca rigidez, imobilidade e invariância, o conceito de “calor cultural” é fundamental para o processo educativo e poderia ser utilizado nas ações comunicativas dos professores para o ensino de habilidades e competências.

Uma ação docente multiculturalmente orientada, que enfrente os desafios provocados pela diversidade cultural dos sujeitos na sociedade e nos espaços educacionais, requer uma postura que supere os enganos usualmente presentes nas escolas, responsáveis pela desconsideração da amplitude de signos culturais com que é preciso trabalhar e leve em conta a riqueza decorrente da existência de diferentes culturas no espaço escolar.

Pensar uma prática educacional mais plural no contexto brasileiro, que dialogue com as diferenças principalmente culturais e sexuais, esforçando-se em quebrar barreiras engaiolantes aos “novos modos” de ouvir, falar e se comunicar¹⁴, é que Louro (1997, 2010) propõe a intervenção teórica da Teoria Queer que define como metodologia para uma “política pós-identitária para a educação”.

O termo *queer* é utilizado nos Estados Unidos¹⁵ para trazer a tona todos os significados que nele se estigmatizou, foi utilizado como forma de xingamento e apontamento de perversões, desvios, “anomalias”, dos sujeitos à margem, ou que não pertencem à normatização social – no sentido de fugir às regras da heteronormatividade¹⁶, das classificações sociais automáticas de corpos, comportamentos e identidades sexuais, (MISKOLCI, 2009). Mas, afinal, o que nos diz a Teoria Queer?

¹⁴ Alusão a “*entender, ensinar e aprender*” de Citelli (2010).

¹⁵ Não apenas na América do norte, o termo foi incorporado por sujeitos globalizados.

¹⁶ Termo utilizado para designar como condição de normalidade social a heterossexualidade, a partir dos teóricos *queer*, Miskolci (2009) afirma, “a heteronormatividade [serve] como marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se “tornem heterossexuais”, mas com o objetivo de que vivam como eles.” Nesse sentido a heteronormatividade atinge a todos os sujeitos, independente de sua identidade sexual pois, busca regular e encaixar a vida social como pertencente aos símbolos heterossexuais de poder e dominação.



Considerando a impossibilidade de abarcar esse vasto, recente e complexo campo dos múltiplos sujeitos apresenta-se aqui alguns elementos fundamentais que justificam a sua utilização nesse artigo. É a partir da década de 80 com a produção, principalmente, dos filósofos Jacques Derrida e Michael Foucault, que a Teoria Queer começa a se fundamentar como ramificação no espaço múltiplo que os Estudos Culturais se caracterizam¹⁷. Filósofas contemporâneas dão continuidade aos “estranhos internos à sociedade” trazendo novas questões ao campo *queer*. Podendo ser citada a espanhola Beatriz Preciado que vem desenvolvendo seu pensamento como resposta às presunções culturais, sexuais, comportamentais e da cultura gay normatizada norte-americana; outra teórica *queer* de grande impacto é Judith Butler¹⁸, entre seus conceitos trabalha com a performatividade de gênero, reativando a ideia de performance, abrindo questões quanto às imposições sociais/culturais e discursivas quanto as “normas regulatórias” de materialização de gênero/sexualidades/identidades nos indivíduos, seu pensamento caminha nas “resistências” e em como os sujeitos estão construindo suas performances corporais de resistência.

Nesse sentido, quando se busca um olhar *queer* é justamente observar os binarismos como um leque de possibilidades, rompendo com pressupostos identitários fixados pela heteronormatividade, que insiste em tornar automático o entendimento dos sujeitos apenas como homem/mulher e heterossexual/homossexual, entre outros binarismos já citados no texto.

Sendo assim, quando o contexto a ser trabalhado são os espaços de aprendizado é que os sujeitos *queer* forçosamente aparecem. E pensando esses espaços em um contexto latino americano, especificamente brasileiro é que Guacira Lopes Louro concentra sua energia teórica. A autora nos chama atenção, para as múltiplas identidades não mais podendo ser enquadradas como fixas, para ela, é no ambiente educacional que se faz necessário considerar os pluralismos e através do “estranhamento” *queer* problematizar e romper com os desentendimentos que esses mesmos binários provocam (LOURO, 2007).

Com a proposta de uma pedagogia *queer*, Louro (2001) une ao campo da educação questionamentos essenciais ao ambiente múltiplo que constitui as salas de aula

¹⁷ No mesmo sentido se cruza com as pesquisas do “Pós-Colonialismo”, para isso ver Raywyn Connell, e Spivak.

¹⁸ Beatriz Preciado e Judith Butler possuem vasta produção acadêmica, porém o espaço nos limita a apenas introduzir tais autoras.



e ambientes que compartilham saberes principalmente porque leva em conta diferentes estratégias em sua prática:

“sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar.” (LOURO, 2001, p.14)

A Teoria Queer possibilitaria assim além das trocas culturais e valorização da diversidade propostas por Morin, uma valorização e problematização dos conflitos, pois, eles seriam a força multiplicadora das produções do conhecimento. Os desconfortos, as tensões e as provocações, segundo a teoria, podem agregar maior movimento aos espaços educacionais quase sempre fixos e lineares. Percebe-se aqui a convergência de Louro e Morin para a ideia de “calor cultural”.

Os Estudos Culturais tem provocado o desconforto desde seus primeiros textos, a intervenção do feminismo e outros momentos de ruptura do CCCS, araram um terreno fértil em que abriu possibilidades de fala a outros agentes sociais. Nesse sentido o campo teórico dos estudos da cultura abriu caminho acadêmico para questões dos movimentos sociais e também às questões dos sujeitos que, à margem desse processo de visibilidade, estavam produzindo sua própria subcultura, seus próprios modos vida que fugiam/fogem das normatizações sociais. A Teoria Queer como uma das ramificações dos Estudos Culturais coloca em debate questões contemporâneas de desconforto e transitoriedade, mas afinal, não é justamente dessa tensão que as pesquisas culturais precisam se concentrar?!

Concluindo não se trata, portanto, de apresentar propostas ou resultados metodológicos, mas sim, de lançar uma reflexão sobre a importância de desafiar a pretensa estabilidade, de reconhecer a inexistência, no mundo contemporâneo, de qualquer “pureza cultural” (MCCARTHY, 1998), pois isso talvez garanta a centralidade da cultura nas práticas pedagógicas, tanto nas manifestações culturais hegemônicas como nas subalternizadas, integrando-as ao currículo, confrontando-as e desafiando-as através da comunicação. E mais, refletir sobre o caráter histórico do conhecimento produzido no mundo ocidental cartesiano, segundo a ótica do dominante/dominado e assim confrontar



diferentes perspectivas, seja através do desconforto “*queer*”, do “calor cultural” ou do esforço em praticar as teorias/conceitos/olhares em “deslocamento” como os Estudos Culturais sinalizam.

Privilegiar diferentes pontos de vista, diferentes obras literárias, diferentes interpretações dos eventos históricos, pode ser uma importante saída para que os espaços educativos proporcionem aos agentes em aprendizagem uma melhor compreensão das conexões culturais, das sexualidades, das relações de poder e da riqueza presente na diversidade dos ambientes educativos latino americanos.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGGIO, André; ORTH, M. R. B. **Crise paradigmática**: Complexidade na orientação educacional. 1. ed. Erechim: EDIFAPES, 2001.

GARCIA, Canclini. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. IN: Silva, T. T. (Org.) **O que é afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. IN: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. (Org.) Liv Sovik, Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas. [online], v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001

LOURO, Guacira Lopes, **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. n. 46, p. 201-218, 2007.

_____. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1988.

MCCARTHY, Cameron, (1998). **The uses of culture : education and the limits of ethnic affiliation**. New York: Routledge.

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Dossiê Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150 – 182, 2009.

MORIN, Edgar . **O método 4. As ideias**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.



PINHEIRO, Amálio. **Aquém da Identidade e da Oposição: Formas na cultura mestiça**. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

TORRES, Sonia. Crônicas de viaje chicanas: The Mixquiahuala Letters de Ana castillo y Paletitas de guayaba de Erlinda González-Berry. Trad. Eva Cruz. In DRISCOLL et al, orgs. **Límites sociopolíticos y fronteras culturales en América del Norte**. Cidade do México: UNAM/CISAN, 2000.

